

O capitalismo está historicamente baseado no colonialismo?

institutoliberal.org.br/blog/politica/o-capitalismo-esta-historicamente-baseado-no-colonialismo/

Rainer Zitelmann

30/08/2024



O colonialismo tem sido um assunto muito debatido nos últimos anos. O ódio dirigido a Israel em universidades dos Estados Unidos e da Europa é ideologicamente baseado na teoria “pós-colonialista”, que se tornou uma espécie de religião política, especialmente entre os anti-capitalistas “woke”.

Mas até que ponto a tese de que o capitalismo se baseia no colonialismo é realmente verdadeira? O economista germano-britânico Kristian Niemietz, do renomado Instituto de Assuntos Econômicos de Londres, investigou essa questão em um estudo conciso (70 páginas) e repleto de fatos: “*Imperial Measurement. A Cost-Benefit Analysis of Western Colonialism*” [em português, “*Medidas Imperiais: Uma Análise Custo-Benefício do Colonialismo Ocidental*”].

Esse livro perspicaz deveria ser leitura obrigatória para todos os estudantes “pós-coloniais”, embora eles provavelmente prefiram livros que reforcem suas crenças já estabelecidas, e os fatos apresentados aqui possam deixá-los inseguros. No livro, Niemietz faz uma análise econômica comparando os custos e benefícios do colonialismo para vários países, incluindo Grã-Bretanha, França, Alemanha e Bélgica. Embora seja difícil obter dados históricos exatos, todas as estimativas sérias mostram que o colonialismo foi mais um fardo

econômico do que um benefício para países como Grã-Bretanha, França e Alemanha. Historicamente, essa também foi a conclusão de pensadores e políticos diversos como Adam Smith e Otto von Bismarck.

Então, apesar da falta de benefícios econômicos significativos — possivelmente até perdas —, por que os países continuaram a adotar políticas coloniais? Prestígio nacional e a influência de indivíduos ricos que viam o colonialismo como uma fonte de ganho econômico foram fatores-chave. No caso da Grã-Bretanha, a pesquisa de Niemietz indica que o país comercializava principalmente com outras nações ocidentais durante a era colonial e não com as colônias. Embora seja difícil determinar de forma definitiva se o colonialismo resultou em perdas econômicas para a Grã-Bretanha ou se o país obteve um lucro modesto no geral, pode-se afirmar com certeza que quaisquer ganhos potenciais foram muito modestos. Portanto, a tese de que a riqueza da Grã-Bretanha foi derivada principalmente dos lucros gerados por suas colônias não pode ser sustentada.

Dados mais precisos estão disponíveis para a Alemanha, que só se tornou uma potência colonial em uma fase muito tardia. No caso da Alemanha, é bastante claro que a maioria das colônias resultou em prejuízos. Apenas a Bélgica se destaca como uma exceção, com seu domínio sobre o Congo gerando lucros substanciais. No entanto, esse sucesso pode ser atribuído a um conjunto único de circunstâncias: na Bélgica, a colônia do Congo foi administrada como uma empresa privada pelo Rei Leopoldo II.

A afirmação de que os fundamentos do capitalismo foram historicamente construídos sobre o colonialismo é refutada pelo fato de que as principais potências coloniais experimentaram um crescimento econômico mais lento do que países como Suécia, Dinamarca e Áustria, que tiveram apenas possessões coloniais menores. As nações inicialmente líderes, como Grã-Bretanha, Países Baixos e França, na verdade ficaram para trás em termos relativos na segunda metade do século XIX. Portugal e Espanha, as primeiras potências imperialistas com colônias do México a Macau, eram os países mais pobres da Europa Ocidental na época em que o capitalismo surgiu.

Gostaria de acrescentar: a América do Norte, ou os Estados Unidos, para usar a linguagem dos críticos anticapitalistas do colonialismo, não foram “perpetradores”; eles estavam inicialmente entre as vítimas do colonialismo. Suas próprias atividades coloniais desempenharam um papel completamente secundário nos EUA e no seu desenvolvimento econômico – e, mesmo que hoje se fale muito sobre o passado colonial da Alemanha, o fato de que as aventuras coloniais da Alemanha desde a década de 1880 tiveram uma importância econômica menor também contradiz a ênfase no colonialismo como raiz do capitalismo.

No entanto, Niemietz também conclui que o colonialismo impediu o desenvolvimento de muitos países e que alguns ainda estão lidando com as repercussões até hoje. Gostaria de acrescentar aqui: os países muitas vezes se prejudicam ainda mais ao atribuir seus

problemas de forma monocausal a eventos do passado distante, como o colonialismo e a escravidão, em vez de reconhecerem o fato de que são economicamente não livres.

Gostaria também de citar a história de duas ex-colônias, uma britânica e uma francesa, que estudei profundamente: Uganda se tornou um protetorado britânico em 1894. O domínio colonial durou quase sete décadas, e o país se tornou independente em 1962. Em 1965, apenas três anos após a independência, Uganda foi descrita pelo presidente Yoweri Museveni como “mais próspera do que a Coreia do Sul”. Hoje, o produto nacional bruto *per capita* da Coreia do Sul é 33 vezes maior que o de Uganda.

O fato de Uganda ter uma situação muito melhor do que a da Coreia do Sul tão pouco tempo após a independência significa que “não foram os governos africanos que tornaram esses países prósperos em comparação com seus equivalentes do Sudeste Asiático. Foram os governos coloniais britânicos que fizeram isso”, diz o especialista em África Godfrey Mwakikagile, da Tanzânia. No entanto, como em muitos países africanos, a liderança política em Uganda culpa o colonialismo por todos os problemas do passado. Em sua análise *A History of Modern Uganda* [em português, *Uma História da Uganda Moderna*], Richard J. Reid escreve: “Museveni certamente fez de culpar o domínio britânico por todos os problemas contemporâneos de Uganda um *hobby*”.

O Vietnã se destaca como um contraexemplo convincente: de 1858 a 1954, o país esteve sob domínio colonial francês e passou o século XX envolvido em guerras com a França, Japão, China, EUA e outros. O Vietnã, o país mais pobre do mundo em 1990, poderia ter culpado o colonialismo e as potências estrangeiras por sua situação. No entanto, ao contrário de muitos países africanos, o Vietnã nunca fez isso: o povo vietnamita reconheceu corretamente que seus problemas provinham da falta de liberdade econômica e lançou um programa de reformas de economia de mercado onze anos após o fim da guerra. Hoje, o Vietnã mantém relações amistosas com os EUA, atrai investidores de todo o mundo e reduziu significativamente sua taxa de pobreza de 80% para menos de 5%. Isso só foi possível porque os vietnamitas não procuraram as raízes de seus problemas no colonialismo e em outros países, mas em si mesmos.



Faça uma doação para o Instituto Liberal. Realize um PIX com o valor que desejar. Você poderá copiar a chave PIX ou escanear o QR Code abaixo: